INFINITUM
ISSN 2595-9549
v. 8, n. 16, 1-22, 2025
DOI: https://doi.org/10.18764/2595-9549v8n16e26066

A Língua Inglesa e suas Variações Linguísticas

Alexandre Stein
Instituição: Universidade Estadual de Londrina
E-mail: alexandrestein02@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1805-0810

Resumo: Este estudo examina os desafios linguísticos enfrentados por professores de inglês nos Estados Unidos, com foco na coexistência do inglês culto/padrão e suas variedades vernaculares. Fundamentado na Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972) e apoiado pelos estudos de Rowe e Lavine (2023), esta pesquisa analisa variações semânticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas, com ênfase especial no Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA). O estudo destaca o impacto dessas variações no ensino de línguas e a necessidade de programas de formação docente que incorporem a consciência sociolinguística. Os resultados sugerem que a diversidade linguística nas salas de aula exige estratégias pedagógicas que respeitem e integrem as variedades não culta/padrão, ao mesmo tempo em que garantem a proficiência no inglês culto/padrão. O artigo argumenta que o desenvolvimento da consciência linguística entre os falantes de inglês pode evitar que as pessoas que utilizam essa língua sofram algum tipo de discriminação linguística e melhorar os resultados de aprendizagem. Ao reconhecer a legitimidade das variações linguísticas, esta pesquisa contribui para um debate mais amplo sobre equidade linguística nos contextos educacionais.

Palavras-chave: Língua Inglesa, Variações linguísticas, Sociolinguística, Variedades vernaculares.

The English Language and its linguistic variations

Abstract: This study examines the linguistic challenges faced by English Language teachers in the United States, focusing on the coexistence of standard English and its vernacular varieties. Grounded in the Variationist Sociolinguistics of William Labov (1972) and supported by the works of Rowe and Lavine (2023), this research analyzes semantic, phonological, morphological, and syntactic variations, with special emphasis on African American Vernacular English (AAVE). The study highlights the impact of these variations on language education and the need for teacher education programs to incorporate sociolinguistic awareness. Findings suggest that linguistic diversity in classrooms demands pedagogical strategies that respect and integrate non-standard varieties while ensuring proficiency in standard English. The paper argues that fostering linguistic consciousness of English Language can help people who use this language to reduce the chances of language-based discrimination and enhance

learning outcomes. By acknowledging the legitimacy of linguistic variations, this study contributes to a broader discussion on language equity in educational contexts.

Keywords: English Language, Linguistic Variation, Sociolinguistics, Vernacular varieties.

La lengua inglesa y sus variaciones lingüísticas

Resumen: Este estudio examina los desafíos lingüísticos que enfrentan los profesores de inglés en los Estados Unidos, con un enfoque en la coexistencia del inglés culto/estándar y sus variedades vernáculas. Fundamentado en la Sociolingüística Variacionista de William Labov (1972) y apoyado por los estudios de Rowe y Lavine (2023), esta investigación analiza variaciones semánticas, fonológicas, morfológicas y sintácticas, con especial énfasis en el Inglés Vernáculo Afroamericano (IVAA). El estudio destaca el impacto de estas variaciones en la enseñanza de lenguas y la necesidad de programas de formación docente que incorporen la conciencia sociolingüística. Los resultados sugieren que la diversidad lingüística en las aulas exige estrategias pedagógicas que respeten e integren las variedades no cultas/estándar, al mismo tiempo que garanticen la competencia en el inglés culto/estándar. El artículo argumenta que el desarrollo de la conciencia lingüística entre los hablantes de inglés puede evitar que las personas que utilizan esta lengua sufran algún tipo de discriminación lingüística y mejorar los resultados de aprendizaje. Al reconocer la legitimidad de las variaciones lingüísticas, esta investigación contribuye a un debate más amplio sobre la equidad lingüística en los contextos educativos.

Palabras Clave: Lengua inglesa, Variaciones lingüísticas, Sociolingüística, Variedades.

INTRODUÇÃO

O ensino de línguas tem como um dos seus maiores desafios a multiplicidade de contextos nos quais uma língua é utilizada. Devemos considerar contextos formais e informais, urbanos e rurais, além dos objetivos de comunicação. Nesse sentido, apresentamos neste artigo alguns dos desafios linguísticos enfrentados por professores de Língua Inglesa que a ensinam, ou como língua materna ou como língua adicional, nas escolas de diversas partes dos Estados Unidos. Neste estudo, daremos destaque às questões relacionadas à coexistência do inglês padrão/culto e suas variedades vernaculares. Dentre elas, abordamos as variações semânticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas e o inglês vernacular afro-americano (IVAA) presentes na sociedade norte-americana contemporânea.

Nos Estados Unidos, o ensino de língua inglesa é regulado por documentos e políticas educacionais que provêm do Departamento de Educação daquele país. O objetivo desses documentos e políticas públicas é regular a qualidade do ensino através da padronização de procedimentos pedagógicos, a oferta de programas de formação continuada de professores e sistemas de avaliação. Esses documentos também visam melhorar as habilidades linguísticas que os alunos devem atingir em cada etapa da educação básica.

Para entendermos um pouco melhor o contexto educacional no qual os professores norte-americanos estão inseridos, devemos olhar para as estatísticas sobre o público escolar naquele país. Em 2023, dos estimados 49.1 milhões de estudantes matriculados nas escolas públicas americanas, da pré-escola os anos finais do ensino Fundamental, temos as seguintes etnias e percentuais apresentados no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Etnias e percentuais de alunos presentes nas escolas públicas dos Estados Unidos. (da pré-escola aos anos finais do Ensino Fundamental).

Etnias	%
Brancos	45%
Hispânicos	28%
Negros	15%
Asiáticos	5%
Outras etnias	4%
Indígenas	3%

Fonte: National Center for Educational Statistics, 2023.

Se considerarmos os percentuais de alunos hispânicos, negros, asiáticos, indígenas e outras etnias, temos um total de 55% de alunos que, provavelmente, apresentam variações linguísticas no inglês falado e também escrito, impondo aos professores um cenário bastante desafiador para o ensino de língua inglesa culta/padrão. Não estou afirmando que os alunos brancos não sejam usuários de

variedades não culta/padrão da língua inglesa, já que muitos podem ser provenientes de áreas rurais e outras comunidades de fala, o que impacta ainda mais esse cenário.

Diante deste quadro, a maioria das crianças e jovens em idade escolar são os chamados "ELL" (English Language Learners), sigla que designa aprendizes de diferentes comunidades de fala que frequentam as escolas públicas regulares norte-americanas. Essa realidade exige dos professores uma formação mais ampla que os capacite a ajudar esses alunos a aprenderem.

Segundo Samson e Collins (2012, p. 1), pesquisadores de universidades americanas têm buscado na literatura sobre ensino de Língua Inglesa como Segunda Língua, subsídios para dar suporte aos professores que, na maioria dos casos, vão se deparar com um alto índice de alunos falantes de variedades linguísticas que se distanciam da norma culta/padrão do inglês, a exemplo do inglês vernacular afro-americano.

Como arcabouço teórico para sustentar as premissas apresentadas neste artigo, utilizo as ideias preconizadas pela Teoria Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972) e os estudos sobre linguísticos e sociolinguísticos de Bruce M. Rowe e Daine P. Lavine (2023) entre outros.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA DE WILLIAM LABOV

Na obra "Padrões Sociolinguístico" de William Labov, cuja primeira publicação data de 1972, o autor tece considerações sobre a variação linguística nos Estados Unidos em seus diversos aspectos: morfológico, sintático, estilístico e fonético-fonológico. Segundo o autor, as variações linguísticas são motivadas por diferentes fatores como o social, o étnico e a própria evolução da língua. Ele ainda argumenta que muitos linguistas tendem a explicar a variação linguística existente, em geral, como proveniente de dois fenômenos: a alternância de código (code-switiching) e a

variação livre. A primeira, refere-se a uma 'mistura dialetal' realizada por usuários de uma língua, como língua estrangeira ou segunda língua. Já a segunda, a variação livre, tem a ver com as escolhas lexicais, morfossintáticas e fonológicas que o usuário de uma língua faz quando fala. No entanto, Labov (1972-2008) afirma que não é tão simples assim.

Neste sentido, Labov questiona se as formas linguísticas ensinadas na escola são, de fato, a única forma a ser aceita como língua culta sem, no entanto, deixar de reconhecer sua importância em diferentes situações de comunicação. Nos parágrafos seguintes, vemos que, segundo o autor, dentro das variações de uma língua podemos encontrar uma lógica, muitas vezes, bastante complexa e coerente até certo ponto.

Embora Labov reconheça a utilidade das crianças provenientes dos chamados 'guetos' adquirirem habilidades verbais consideradas de domínio da classe média como "a precisão na ortografia", "a habilidade de explicar os significados das palavras" e o domínio "das palavras de origem latina ", argumentando em favor do uso de uma linguagem simplificada, ele afirma que pessoas da classe trabalhadora e, em sua maioria falantes do IVAA são, muitas vezes, "narradores, pensadores e debatedores muito mais eficazes do que os falantes da classe média que temporizam, qualificam e perdem seus argumentos no meio a uma enorme quantidade de detalhes irrelevantes" (Labov, 1972, p. 214).

Apesar dessa afirmação de Labov (1972) ser passível de contestação, quem nunca passou por situações em que não se expressou de forma eficaz por estar procurando as palavras adequadas e relutando para não cometer nenhum desvio linguístico com relação à norma culta?

No embate entre a 'verbosidade' e a 'precisão', o autor expõe que seus argumentos servem para desmistificar as ideias, disseminadas por psicólogos educacionais, de que os falantes do IVAA, por exemplo, são incapazes de elaborarem

discursos sobre assuntos "abstratos", "logicamente complexos" ou responder às "questões hipotéticas". Ele ainda afirma que o conceito de agramaticalidade não se aplica às sentenças formadas por falantes dessa variedade. Para Labov:

> Nossos próprios estudos (Labov, 1966) sobre a gramaticalidade da fala cotidiana mostram que a grande maioria dos discursos em todos os contextos são formados por sentenças completas e o restante pode ser reduzido a formas gramaticais por meio de um pequeno conjunto de regras de edição. [...] O difuso mito de que a maior parte dos discursos são agramaticais, é sem dúvida baseado em gravações feitas em conferências cultas onde se obtém um grande número de sequências agramaticais irreduzíveis (Labov, 1972, p. 222).

Ou seja, para ele, a maioria das sentenças agramaticais são frequentemente produzidas em meios ditos cultos e não o contrário. Portanto, devemos rever o conceito de agramaticalidade da linguagem produzida por falantes de outras variantes de uma língua que não a culta, como é o caso dos falantes do inglês vernacular afro-americano entre outros.

Nas seções seguintes, vamos abordar as implicações da variação linguística nas salas de aula de Língua Inglesa, tanto como língua materna quanto como língua adicional, e como os estudos sociolinguísticos podem contribuir para a conciliação desse conflito entre variedades linguísticas e língua culta.

A SOCIOLINGUÍSTICA NA LÍNGUA INGLESA

Os estudos de cunho sociolinguístico nascem da necessidade de investigar-se como fenômenos linguísticos, sejam eles fonológicos, lexicais ou sintático, se comportam sincrônica e diacronicamente numa comunidade de fala, sobretudo sob o viés da discriminação e da exclusão social por meio das diversas formas de falar-se uma mesma língua.

A Sociolinguística Variacionista (SV) tem feito muitas contribuições à linguística ao longo do tempo. Uma dessas contribuições é a formulação de um método que nos possibilite investigar um determinado fenômeno linguístico de forma que se

evidencie de que maneira uma língua vem se modificando ou está sendo usada no cotidiano de seus falantes. Segundo Labov (1972/2008, p.26) a seleção de uma pauta de pesquisa linguística deve obedecer a três fatores: 1) deve ser um item que seja frequente na língua para que seu comportamento possa ser mapeado, 2) deve ser estrutural e estar integrado num sistema mais amplo de unidades funcionais, e 3) a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, observável em diferentes aspectos como faixas etárias, sexo e comunidades de fala.

Além da contribuição sobre quais fatores devem ser obedecidos para que tenhamos sucesso na pesquisa linguística, a Sociolinguística Laboviana também tem contribuído com estudos relacionados à diversas áreas como, por exemplo, as mudanças linguísticas de ordem fonológica, lexical e gramatical, sobretudo em língua materna. Neste contexto, a referida Teoria faz menção às chamadas "avaliações subjetivas" sociais que estão diretamente ligadas à "noção de prestígio" de uma determinada forma de falar ou escrever uma língua (LABOV, 1972-2008, p. 353-354).

É com base nesse princípio que pretendo recontextualizar alguns dos conceitos utilizados pela Sociolinguística para analisar os fenômenos da variação linguística encontradas na língua inglesa. Estou, neste sentido, me referindo aos conceitos de "indicadores, marcadores e estereótipos" postulados por Labov (1972-2008, p. 360).

Segundo o autor, o termo 'indicadores' refere-se aos "traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa", ou seja, há variações na fala, mas essas não são vistas, por outros falantes daquela língua, com preconceito e nem oferecem dificuldade de entendimento entre estes.

Com relação ao termo 'marcadores', Labov (1972-2008, p. 360) afirma que, como o próprio nome diz, quando produzida, essa fala marca tanto a "estratificação

estilística quanto a estratificação social" daquele indivíduo, produzindo uma avaliação social daquela forma de falar, isto é, o falante que se utiliza de uma forma marcada da fala vai sofrer preconceito linguístico perante a sociedade.

O terceiro, e mais forte desses conceitos, é o 'estereótipo'. Para o autor, o indivíduo ou grupo de pessoas que têm uma fala estereotipada utilizam-se de "formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade" (LABOV, 1972-2008, p. 360). O autor cita cinco exemplos da estigmatização ou estereotipação social, apresentadas no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Exemplos de falas estigmatizadas ou estereotipadas em língua inglesa.

1)	as formas linguísticas da fala de pessoas advindas do Brookylin em Nova Iorque que remete a fala antiga da classe operária;
2)	a utilização das formas "desses", "dems" e "doses" para "theses", "thems" e "thoses";
3)	o padrão sem –r de fala dos moradores de Boston com "a vogal central baixa anteriorizada" (ex.: "Pahk your cah in the Hahvahd Yahd" para "Park your car in the Harvard Yard") (Estacione o seu carro no pátio da Harvard);
4)	a ênfase dada ao /a/ em vocábulos como "aunt" e "bath" utilizada por falantes da região da Nova Inglaterra nos Estados Unidos;
5)	o falar rural do Estado do Utah com produções como "Put the harse in the born" para "Put the horse in the barn" (Coloque o cavalo no celeiro).

Fonte: Labov, 1972-2008, p. 360.

Com base nos conceitos de indicadores, marcadores e estereótipos, proponho uma apropriação desses termos para me referir às variações linguísticas da língua inglesa apresentadas nas secções seguintes.

VARIAÇÕES SEMÂNTICAS DA LÍNGUA INGLESA

Das variações linguísticas encontradas em uma língua, a variação semântica pode ser considerada uma das mais significativas. Além das variações semânticas concernentes às variedades da língua inglesa em países posicionados em diferentes pontos do globo terrestre como o inglês falado na Austrália, na Inglaterra, no Canadá

ou na Irlanda, encontramos também variações em diferentes regiões geográficas dentro de um mesmo país. Por exemplo, no norte dos Estados Unidos para se referir aos vocábulos 'balde' e 'panqueca' utilizam-se as palavras 'pail' e 'pancakes' enquanto no sul daquele país usam-se 'bucket' e johnnycakes ou flapjacks para os mesmos itens.

Ao analisarmos as regiões oeste e leste dos Estados Unidos também encontramos variações desse tipo. Para nos referirmos à refrigerante na costa oeste dizemos 'tonic' ou 'coke' enquanto do outro lado, na costa leste, usamos 'soda' ou 'pop'. Se você quiser comprar uma bolsa feminina no oeste, deve pedir por uma 'purse', já no leste procure por uma 'pocketbook'.

Este fenômeno não acontece apenas com simples vocábulos, mas com expressões inteiras. No sul dos EUA, se você for comprar comida, vai ouvir do atendente a expressão "For here or to go?", o que quer dizer: Para comer aqui ou para viagem? Já na região norte, nos Estados, em Montana, Idaho e na Dakota do Norte ou do Sul, você ouvirá "To stay or to go?" (Rowe; Lavine, 2023).

VARIAÇÕES FONOLÓGICAS DA LÍNGUA INGLESA

As variações fonológicas da língua inglesa são bastante conhecidas quando contrastamos o inglês americano e o inglês britânico, por exemplo. São muitos os comentários de alunos e professores sobre as diferenças entre um e outro sotaque. Alguns acham difícil entender o sotaque britânico, se no início do aprendizado tiveram mais contato com a variedade americana da língua inglesa. Outros, como eu, apreciam e admiram a sonoridade da variedade britânica.

Uma das diferenças mais evidentes e perceptíveis entre essas variedades do inglês são os sotaques róticos e não-róticos. O primeiro, também conhecido como rotacismo, mais presente no inglês americano se evidencia pela proeminência da pronúncia do /r/ em palavras com esse som em posição medial e sobretudo em posição

CC BY

final principalmente quando posto numa sequência de palavras. O segundo, sotaque não-rótico, se evidencia pelo apagamento do /r/ em palavras com o referido som nas posições apresentadas. A exemplo disso, temos a frase: 'Where did you park your car?' pronunciada da seguinte forma: /weə dɪd jʊ pak yə ka:/ ou /weər dɪd jʊ park yɔr kar/ em inglês britânico e americano respectivamente. Conforme apresentado anteriormente, segundo Labov (1972), falantes que utilizam a variedade não-rótica nos Estados Unidos podem sofrer com o preconceito linguístico, encaixando-se no conceito de fala estereotipada.

Embora essa variação seja bastante comum no contraste entre o inglês do Reino Unido e o inglês dos Estados Unidos, ela também é catalogada nas regiões norte e sul dos EUA. O norte preconiza a pronúncia não-rótica e no sul a pronúncia rótica.

Outro traço fonológico, presente nas variedades britânica e americana que aparece nas regiões norte e sul dos EUA, é a pronúncia de algumas palavras com a vogal 'a' em posição inicial de palavra, como por exemplo a palavra 'aunt' (tia). No norte dos EUA, encontramos /ant/ e no sul é mais comum a pronúncia /ænt/. Ainda no contraste norte e sul dos EUA temos a pronúncia /aɪ/ para o vocábulo 'eye' no norte e no sul registra-se a pronúncia /a/.

Um outro aspecto da variação fonológica na língua inglesa, ainda considerando o contraste norte e sul dos EUA, refere-se à produção oral das consoantes 'th' em posição inicial de palavras como nos pronomes demonstrativos "this" ou "that", no artigo definido "the" e em palavras como "think". Nestes casos, os norte-americanos da região norte tendem a pronunciar 'th' conforme a norma culta da língua inglesa: como a fricativa dental vozeada /ð/ ou desvozeada /θ/. Portanto, temos no norte /ðɪs/ para 'this', /ðæt/ para 'that', /ðə/ para 'the' e /θɪŋk/ para 'think'. Já no sul, é bastante comum encontrarmos a plosiva alveolar vozeada /d/ ou a plosiva alveolar desvozeada /t/ para os referidos vocábulos: Assim, temos /dɪs/, /dat/, /də/ e /tɪŋk/ para 'this, that, the, think'. Essa forma de pronunciar os segmentos /ð/ e /θ/ são muito

evidenciados no inglês vernacular afro-americano (IVAA) conforme o estudo de Stein (2020). No entanto:

> [Apesar de alguns linguistas afirmarem] que o IVAA é incorreto por apresentar, sobretudo na fala, inúmeras divergências linguísticas do inglês padrão/culto. [...] autores como Pullum (1999) contestam essa premissa e apresentam evidências de que afirmações generalizadas são sempre perigosas (Stein, 2020).

Como se sabe, o Inglês vernacular afro-americano não está circunscrito apenas à região sul do Estados Unidos. Encontramos essa comunidade de fala espalhada por todas as partes daquele país. A partir disso, observamos que no norte dos EUA, sobretudo em Boston e Nova York, os falantes do IVAA tendem apagar o /r/ e /l/ em vocábulos como: car, guard, York, help e soul pronunciadas como /ka/, /gad/, /yɔk/, /hɛp/ e /so/ o que pode causar dificuldades de compreensão, ou seja, interfere na inteligibilidade.

Na esteira de fenômenos fonológicos encontrados no inglês vernacular afro-americano há outros casos de substituição de sons consonantais como podemos observar no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Substituição de sons consonantais no IVAA

Substituições de sons consonantais	**Vocábulos**	**IAP Inglês Americano Padrão**	**IVAA Inglês vernacular Afro-americano**
Substituição de fricativa dental desvozeada /θ/ pela plosiva alveolar desvozeada /t/	thin thought think	/θɪn/ /θɔt/ /θɪŋk	/tɪn/ /tɔt/ /tɪŋk
Substituição de fricativa dental vozeada /ð/ pela plosiva alveolar vozeada /d/	this that they	/ðɪs/ /ðæt/ /ðeɪ/	/dɪs/ /dæt/ /deɪ/
Substituição de fricativa dental desvozeada /θ/ pela fricativa labiodental desvozeada /f/	third three throat throw	/θɜ:rd/ /θri:/ /θroʊt/ /θroʊ/	/frɜ:d/ /fri:/ /froʊt/ /froʊ/

Fonte: Adaptado de Rowe; Lavine, 2023.

Como podemos constatar no Quadro 3, as formas produzidas pelos falantes do IVAA causam estranhamento para aqueles que utilizam a norma culta de pronúncia da língua inglesa. Se utilizarmos a classificação de Labov (1972-2008) sobre os traços linguísticos fixados numa matriz social, poderíamos classificar essas formas como socialmente estereotipadas e estigmatizadas.

REDUÇÃO DOS ENCONTROS CONSONANTAIS

Os encontros consonantais em língua inglesa (LI) são bastante recorrentes. Eles ocorrem tanto em posição inicial quanto em posição medial ou final das palavras. Além da ocorrência nos vocábulos, os encontros consonantais são comuns no encontro de dois vocábulos dificultando a pronúncia de forma conectada, principalmente para aprendizes de LI como língua adicional. No caso dos encontros consonantais entre dois vocábulos, é bastante comum que o último segmento da primeira palavra seja apagado, a exemplo das palavras terminadas em /st/ e /ft/. Se estas forem seguidas de outras palavras iniciadas com uma consoante, ocorre o apagamento do /t/ como podemos observar no Quadro 4 a seguir:

Quadro 4: Redução dos encontros consonantais (Consonant cluster reduction)

Regra	Vocábulos	Redução
/st/ reduz para /s/	last night	/læs naɪt/
/ft/ reduz para /f/	soft spot	/sɔf spɑːt/

Fonte: Adaptado de Rowe; Lavine, 2023.

Este fenômeno da oralidade acontece mesmo na fala de pessoas que utilizam uma variedade culta da língua inglesa e não causa nenhum estranhamento ao ouvinte. O falante que realiza tal redução não será alvo de preconceito linguístico. Isto

é, esta forma de falar não se encaixa nos conceitos de indicadores, marcadores ou estereótipo preconizados por Labov (1972).

No entanto, encontramos no Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA) falantes que fazem uma transferência da regra apresentada anteriormente quando a segunda palavra é iniciada com uma vogal. Por exemplo, os vocábulos 'last hour' serão realizados oralmente /læs aʊr/ e os vocábulos 'soft as' realizado como /sɔf æz/ quando, conforme a norma culta deveriam pronunciar a consoante final já que está diante de um som vocálico.

VERBOS REGULARES NO PASSADO

Os verbos regulares no passado em língua inglesa, de forma geral, sempre se apresentam como um desafio de pronúncia para os aprendizes dessa língua. Isto, porque a desinência -ed, característica dos verbos regulares quando flexionados no passado, pode ser realizada oralmente de 3 formas /t/, /d/ e /ɪd/ dependendo dos sons que precedem essa desinência.

Porém, como apresentado no Quadro 5 a seguir, na variedade do IVAA os três possíveis sons finais /t/, /d/ e /ɪd/ dos verbos regulares no passado são apagados. Na verdade, existe uma grande controvérsia sobre a pronúncia da desinência -ed. Pois, observamos no discurso de falantes ditos cultos, em alguns contextos específicos, um 'pseudo-apagamento' desse segmento. Contudo, acredito que o apagamento da desinência '-ed' na oralidade em verbos regulares no passado possa ser considerado como um marcador, ou seja, pode ser alvo de preconceito ou algum tipo de julgamento pelos ouvintes ou ainda uma compreensão equivocada do tempo verbal empregado.

Quadro 5: Pronúncia dos verbos regulares no passado no IAP e no IVAA

Verbs	Tradução	Inglês Americano Padrão	Inglês Vernacular Afro-Americano
walked	andou	/wɔkt/	/wɔk/

jogged ticked	correu ticou	/dʒɑːgd/ /tɪkt/	/dʒɑːg/ /tɪk/

Fonte: Adaptado de Rowe; Lavine, 2023.

Para aprendizes de LI como língua adicional é essencial que se perceba os sons /t/, /d/ e /ɪd/ em posição final da conjugação dos verbos regulares no passado para que possam identificar que os estes verbos estão no passado. Sem isso, como afirmado anteriormente, pode-se causar uma confusão sobre o tempo verbal, embora tenhamos outros elementos numa frase contextualizada que nos ajudam a identificar o passado.

MONOTONGAÇÃO

A monotongação é um processo fonológico no qual um ditongo ortográfico é realizado oralmente como um monotongo. Alguns exemplos em português são: beijo, dinheiro, roupa realizados oralmente como: /ˈbeʒu/, /diɲˈeɾu/ e /ʀopɐ/.

Em língua inglesa esse fenômeno também ocorre, principalmente, na comunidade falante da variedade IVAA, conforme apresentado no Quadro 6, a seguir.

Quadro 6: Monotongação de vocábulos no Inglês Vernacular Afro-Americano

Vocábulos	Inglês Padrão/Culto Americano	IVAA
I, eye	/aɪ/	/a/
like	/laɪk/	/lak/
time	/taɪm/	/tam/
my	/maɪ/	/ma/
boil	/bɔɪl/	/bɔl/
boy	/bɔɪ/	/bɔ/
power	/ˈpaʊɚ/	/par/

Fonte: Adaptado de Rowe; Lavine, 2023.

O oposto também pode ocorrer. Segundo Stein (2020), é bastante comum, principalmente em falantes de inglês como língua adicional, encontrarmos vocábulos grafados com ditongos que, na oralidade, conforme as normas do inglês padrão/culto, devem ser realizados como monotongos, mas, não o são. Por exemplo, os seguintes vocábulos devem ser pronunciados da seguinte forma: because /bɪˈkəz/, country /ˈkʌn.tri/, caution /ˈkɔː.ʃən/, bought /bɔːt/, juice /dʒuːs/. Porém, tais vocábulos, entre outros, muitas vezes são realizados com ditongos fonológicos por falantes de língua inglesa com baixa consciência fonológica desta língua. Desta forma temos: [bɪˈkaʊz], [ˈkaʊntri], [ˈkaʊtʃən], [boʊt] e [dʒuis].

VARIAÇÕES MORFOLÓGICAS NA LÍNGUA INGLESA

Observemos as construções a seguir: 'you' e 'y'all'. Em geral, usamos o pronome 'you' tanto para a segunda pessoa do singular quanto para a segunda pessoa do plural em inglês, ou seja, o referido pronome indica 'você' no singular e 'vocês' no plural. Só é possível distinguir essa diferença pelo contexto da sentença. No entanto, no sul dos Estados Unidos encontra-se a forma 'y'all' para designar a segunda pessoa do plural. Portanto, teremos, em algumas partes dos EUA, a sentença: "It's nice to see you. How are you doing?" para cumprimentar um grupo de pessoas e na região sul daquele país ouviremos "It's nice to see y'all. How are y'all doing?"

Outro fenômeno morfológico encontrado na língua inglesa ao redor do mundo é o uso do morfema -s. O morfema -s, comumente usado para marcar o Presente do Indicativo na terceira pessoa do singular (he, she, it) em língua inglesa, também é usado com 'I' (eu), 'you' (você) e 'we' (nós) em partes do Sul dos EUA, Norte da Inglaterra e sul do País de Gales. Desta forma, encontramos construções como: I likes to swim, We likes to dance, You eats at noon, enquanto que a norma padrão/culta da língua inglesa exige o uso de 'like' e 'eat' no presente para os referidos pronomes.

Há ainda um outro fenômeno que ocorre com as formas do passado do verbo 'to be' (ser e estar) no norte da Inglaterra. Sabemos que a conjugação verbal do 'to be' no passado é 'I was, you were, he/she/it was, we /you /they were', conforme as regras da gramática normativa. Porém, em algumas partes do norte da Inglaterra a forma 'was' (passado do verbo to be para a primeira e a terceira pessoa do singular) tem sido substituída por 'were'. Então, nesta região da Inglaterra teremos sentenças como: "Her face were white like a sheet when she came in church, but afore she got to the altar she were all one flush". (O rosto dela estava pálido como um lençol quando ela chegou à igreja, mas antes de chegar ao altar, ela já estava toda vermelha) (ROWE; LAVINE, 2023, p. 187).

VARIAÇÕES SINTÁTICAS NA LÍNGUA INGLESA

Apagamento do verbo de ligação em língua inglesa

Para muitos estudiosos, ou mesmo leigos, que tenham contato com o IVAA, a primeira impressão que se tem é que nesse dialeto o verbo 'to be' (ser, estar) não é usado como no inglês padrão/culto. Ou seja, parece haver um apagamento dessa estrutura quando se analisa enunciados de um falante dessa variedade, como por exemplo: He a great guy, They busy, We good friends, She a pretty girl. (inglês padrão/culto: He's a great guy, They're busy, We're good friends, She's a pretty girl, respectivamente).

Aparentemente esse apagamento parece ser usado de forma indiscriminada. Porém, segundo Pullum (1999), o não uso do verbo to be não é tão aleatório assim. Para esse pesquisador, há alguns casos em que o 'to be' **não é apagado**, como por exemplo quando o mesmo é enfatizado (tônico) por estar no final de

sentenças. O Quadro 7, a seguir, apresenta alguns exemplos do explicitado anteriormente.

Quadro 7: Exemplos de não apagamento do verbo to be.

Inglês padrão/culto	Tradução	IVAA
There is already one.	Já existe um.	There already is one.
Nobody could say what color he is.	Ninguém conseguia dizer qual era a cor dele.	Couldn't nobody say what color he is.

Fonte: o próprio autor com base em Pullum (1999).

Outro caso em que o verbo 'to be' não é apagado na variedade IVAA é quando ele está na forma negativa, no entanto, usa-se uma expressão não formal, ou seja, ao invés de 'am not, isn't (is not) ou aren't (are not)' os falantes de IVAA usam ain't. Por exemplo, You ain't goin' to no heaven (Você não vai para o céu. No inglês padrão/culto: You aren't going to heaven) ou I ain't no fool (Eu não sou tolo. No inglês padrão/culto: I'm not a fool).

Segundo Pullum (1999), o verbo 'to be' também não é apagado se ele for usado nos casos apresentados no Quadro 8 a seguir:

Quadro 8: Casos em que o verbo to be não é apagado no IVAA.

Casos	IVAA	Inglês padrão/culto
Presente perfeito remoto:	She been married. (Ela tem estado casada.)	She has been married.
Na forma infinitiva:	You got to be strong. (Você tem que ser forte).	You've got to be strong.
Em frases imperativas:	Be careful! (Tenha cuidado)	Idem
Ao expressar um hábito:	He be singing. (Ele está cantando) (com o significado de: Ele geralmente, habitualmente canta).	He is singing.

CC BY

Na primeira pessoa do singular:	I am all right (Eu estou bem)	Idem
No passado:	I was cool (Eu fui legal).	Idem
Em interrogativas:	Is that you? (É você?).	Idem
Em "question tags":	I don't think you are ready, are you?	Idem

Fonte: o próprio autor como base em Pullum (1999).

O referido autor, afirma veementemente que qualquer "afirmação generalizada de que os falantes de IVAA sempre omitem o verbo to be" deve ser considerada "falsa" (PULLUM, 1999, p. 47).

A dupla negação

A dupla negação parece ser um fenômeno linguístico comum em algumas línguas. Se pensarmos o português do Brasil, observaremos que seus falantes, mesmo os que dominam a norma culta, também usam a dupla negativa e nem por isso são estigmatizados. Como por exemplo: "Eu não tinha nada"; "Eu não fiz nada"; Ele não é ninguém"; etc.

Em língua inglesa isso também acontece. Para Pullum (1999, p. 48), o caso da dupla negação não deve ser considerado um desvio da língua inglesa padrão/culta, mas sim, visto como uma "marcação múltipla" de negação num mesmo enunciado. Embora bastante comum no vernáculo da língua inglesa, autores como Pullum (1999) afirmam que no IVAA este fenômeno parece ser ainda mais frequente. Frases do inglês padrão/culto como "I'm not an ugly fellow" (Eu não sou um cara feio) e "I haven't ever seen anything like it" (Eu nunca vi nada como isso), no IVAA seriam estruturadas da seguinte forma: "I ain't no ugly dude" (dupla negação) e "I ain't never seen nothing like it" (tripla negação).

Os críticos do IVAA contestam essa visão, pois segundo a lógica, duas negações criariam uma positiva. Então, em "He didn't see nothing" (Ele não viu nada), significa que ele viu alguma coisa, tornando, portanto, a frase ilógica. Mas, para Pullum (1999, p. 48), "não há qualquer similaridade entre esse sistema lógico mecânico e a gramática de uma língua natural" até porque em "I ain't never seen nothing like it" há três marcações de negação (ain't, never, nothing) e não apenas duas. Ele cita o caso da negação dupla em outras línguas como no Italiano, no Espanhol e no Russo e conclui argumentando que "a gramática da negação não é a mesma para todas as línguas" .

No artigo intitulado "African American vernacular English is not standard English with mistakes", Geoffrey K. Pullum (1999) afirma que para muitos americanos, o IVAA é apenas um inglês falado com muitas gírias especiais e erros gramaticais. No entanto, ele demonstra que o inglês falado pelos afrodescendentes americanos não é apenas um inglês padrão falado com erros. Para Pullum (1999, p. 41), quando indivíduos falantes de uma mesma língua cometem desvios, como por exemplo, referir-se a mesma coisa com nomes diferentes, muitas pessoas veem isso como um 'erro'. Em suas palavras, "há uma forte tendência de aceitar-se uma como a forma correta de falar e a outra como incorreta", especialmente quando uma das duas variedades tem um maior prestígio social.

Para tecer essa conclusão, Pullum se baseia no fato de que: "[...] todas as palavras usadas no IVAA podem ser claramente identificadas no inglês padrão, e a maior parte da gramática do IVAA é a mesma da variedade padrão." (PULLUM, 1999, p. 44-45).

Com essa afirmação, o autor reafirma que "o IVAA, como um dialeto do inglês padrão, merece respeito e aceitação" (PULLUM, 1999, p. 45) . Como um respeitado linguista, ele cumpre o seu papel de tentar esclarecer o que difere uma língua de outra e o que deve ser considerado como dialetos de uma mesma língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 1968, com atos legislativos legais como o "Bilingual Education Act" os Estados Unidos têm tentado estabelecer políticas educacionais que englobam os desafios enfrentados pelos *ELL (English Language Learners)* e os falantes de variedades linguísticas não padrão/culta (a exemplo do IVAA) e têm alocado recursos para dar suporte a esses aprendizes. Esse país tem também desenvolvido pesquisas com o intuito de desfazer alguns mitos com relação ao ensino/aprendizagem destes alunos.

Se os professores de língua inglesa fossem estimulados a terem contato com pesquisas sociolinguísticas que investigam e descrevem questões sobre a variação linguística, os professores de inglês, sobretudo nos Estados Unidos poderiam amenizar os impactos produzidos pela realidade multicultural, étnica e social encontrada nas escolas. Não que essa medida fosse uma resposta definitiva para o tratamento das questões sobre variações linguísticas na escola, mas acredito que o desenvolvimento de consciência linguística mais ampla, por parte dos professores, poderia colaborar com o enfrentamento de tais aspectos na atualidade.

As dificuldades em sanar questões relacionadas ao ensino e a aprendizagem da língua padrão/culta nas escolas públicas revelam a complexidade da referida questão não só nos países que tem essa língua como língua materna, mas em outros, como o Brasil, que também apresenta essas dificuldades no ensino de língua portuguesa. A meu ver, o papel da escola é ensinar a norma padrão/culta, pois as demais variedades os alunos já dominam. Porém, como se vê, o impasse em convencer os alunos da importância de dominar a norma padrão/culta persiste. O mais importante talvez seja conscientizar professores e alunos de que as variedades de menor prestígio, como o falar rural e, no caso dos EUA, o IVVA, têm seu valor e devem ser respeitadas. Acreditamos que o que se deve ser destacado neste contexto é que um

falante é considerado fluente em uma língua quando ele/ela é capaz de transitar pelas variedades da língua de acordo com o contexto social em que o falante se encontra.

Como se vê, não se pode dizer que medidas simples vão solucionar todos os problemas encontrados pelos professores norte-americanos em suas salas de aula, mas devemos acreditar que a melhor maneira de abordar tais questões é através da conscientização de todos os atores envolvidos, sobre as multiplicidades linguísticas encontradas num país que, muitas vezes, toma como certo ser monolíngue.

REFERÊNCIAS

LABOV, William. The logic of non-standard English. In: **English in the inner city:** studies of black English vernacular. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1972.

_____. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 1972-2008.

National Council of Teachers of English (NCTE). **English language learners: a policy research brief.** 2008. Disponível em: <http://www.ncte.org> Acesso em 23 mar. 2019.

PULLUM, Geoffrey K. African American vernacular English is not standard English with mistakes. In: WHEELER, Rebecca S (ed.). **The workings of language:** from prescriptions to perspectives. Westport CT: Praeger, 1999, p. 39-58.

ROWE, Bruce M. LAVINE, Diane P. Sociolinguistics: language and society. In: ROWE, Bruce M. LAVINE, Diane P. **A Concise Introduction to Linguistics**. Routledge. 2023.

SAMSON, Jennifer F. COLLINS, Brian A. **Preparing all teachers to meet the needs of English language learners**: applying research to policy and practice for teacher effectiveness. Center for American Progress. April 2012. Disponível em: <www.americanprogress.org> Acesso em 23 mar. 2019.

SOARES, Magda. O fracasso da/na escola. In: **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17ª ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 8-17.

STEIN, Alexandre. **O Inglês vernacular afro-americano**: descrição e implicações sociolinguísticas. Entretextos. Londrina, v. 20, n. 2, p. 43-58, jul.-dez. 2020.

STEIN, Alexandre. **Aspectos fonético-fonológicos dos ditongos ortográficos da Língua Inglesa e suas realizações orais por aprendizes brasileiros.** 2020.152f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2020.